

CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA*

Por Swami Paratparananda¹

* Editorial da Revista “The Vedanta Kesari” – Novembro de 1962; Vol. 49; página 282

A noção prevalecente sobre o conhecimento é aquela de se possuir o saber livresco, informação sobre o avanço tecnológico e científico, e o intelecto para utilizar a informação assim coletada para a melhoria, manutenção e avanço da condição material de alguém. E toda nossa educação hoje está dirigida para este único ideal, de adquirir conhecimento material e de sua utilização. A falta deste conhecimento é considerado no meio comum como ignorância. Esta é a norma pela qual a civilização e o progresso de um país é julgado na época presente. Quanto maior o número de cientistas que um país pode produzir, mais vasto seu poder de construir grandes indústrias, mais avançado e considerado com maior progresso.

Sem dizermos que isto é ruim, apenas insistimos que devemos avançar mais e não estagnar. O rio da vida deve continuar a fluir. Deveria haver um fluir de ideias, a corrente de pensamentos deve ser capaz de irrigar campos mais vastos. Deve dar-nos incentivo para sermos ativos, progressistas na contribuição para a paz mundial. No momento que construímos um muro em nosso pensamento, uma parede, por assim dizer, e nos separamos do espírito, a degradação surge. Nos tornamos unilaterais. Nosso desenvolvimento se desequilibra. Pois o homem não é meramente um punhado de matéria, mas espírito também. Sem o espírito, a matéria não tem nenhum poder, pois sendo inerte, não pode atuar independentemente do espírito. A matéria não tem nenhum propósito próprio para agir. Apenas uma entidade consciente pode esforçar-se por algo. Os *Samkhyas*, os primeiros e maiores evolucionistas, enfatizaram que *prakrti* (matéria) existe e age apenas por causa de *purusa* (espírito). A inconsciente *prakrti* age na presença de *purusa*, sendo por si só, incapaz de executar qualquer ação. Deve haver portanto um harmonioso desenvolvimento do corpo, junto com a revelação do espírito. Assim esse conhecimento das ciências, que ajuda a afastar as noções incorretas sobre geografia, e coisas do tipo, que nos capacita a estender os horizontes das várias ciências para enormes magnitudes e que desenvolve nossa inteligência, deveria ser utilizada também para uma melhor compreensão do espírito. Se não cultivarmos o espírito da introspecção, quão diferentes seremos dos animais? O homem é homem pois pode pensar em coisas elevadas.

1 Swami Paratparananda, um monge da Ordem Ramakrishna, foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari (1962-1967) e líder espiritual do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil e do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina (1973-1988). Mais em: <http://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>

Este conhecimento que traria apenas prosperidade material até os pássaros e animais possuem. No *Devi Mahatmyam* há uma estória muito ilustrativa disto: Suratha, um rei que perdeu seu reino e vivia em uma floresta, ainda pensava sobre o destino de seu elefante de estimação e dos antigos tesouros que caíram nas mãos inescrupulosas de seus inimigos. Ele compreende que era inútil pensar nisso, mesmo assim não conseguia se livrar de seu apego. Ele se aproximou de um eremita chamado Medhas e colocou sua dúvida diante dele: “Por que, ó sábio, nós que possuímos o conhecimento, somos atraídos vezes sem fim, por nossos apegos passados, mesmo que tenham sido amargos, e assim somos iludidos?” A resposta do Muni [sábio] é significativa. “Todos os seres têm este conhecimento dos objetos percebidos pelos sentidos. O homem certamente o possui, mas não é sua posse exclusiva, pois esse tipo de conhecimento até o gado, os pássaros e outras criaturas são vistos desfrutando dos mesmos”.² Claramente ele quer dizer que nós não somos melhores do que os animais se confinarmos o nosso conhecimento apenas a estas coisas.

As criaturas inferiores podem não saber sobre fusão nuclear, podem não conhecer sobre espaço ou viagem interplanetária, mas isso não atrapalha seu modo de vida de nenhuma maneira. O homem, por seus rápidos passos no campo científico cria problemas que ele próprio acha grandes demais para vencer, enquanto outras criaturas se ajustam pela mudança do ambiente ou mudanças em seus organismos internos. Elas instintivamente se desenvolvem, enquanto os homens com a sua inteligência superior apenas tateiam no escuro e se atemorizam. Desta forma, apenas o conhecimento material não pode ser a meta, nem o tudo na vida.

De modo similar, a ignorância dessas ciências não necessariamente significa a ignorância do tipo animal. Pode ser que a pessoa não seja capaz de expressar suas ideias em uma linguagem atraente ou compreender tudo que acontece neste nosso *mundo sábio*, mas não por isso deve ser classificado na categoria dos ignorantes. Talvez ele seja mais consciente dos valores eternos do que a maioria dos assim chamados, sábios ou eruditos. ‘M’, o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, chamou nossa atenção colocando diante de nós com sinceridade, seu próprio embaraço em uma situação análoga, para compreender o que é o conhecimento e o que é a ignorância. Vamos relembrar o que se passou: Era a segunda visita de ‘M’ ao Mestre. Depois de algumas perguntas, ‘Sri Ramakrishna olhou para ele com simpatia e disse com afeição: “Olhe, você tem alguns bons sinais. Eu os conheço olhando para a testa, os olhos, etc. de uma pessoa. Diga-me agora, que tipo de pessoa é sua esposa? Ela tem atributos espirituais ou está sob o poder de *avidya* [ignorância]?”

M: “Ela é boa. Mas temo que seja ignorante.”

2 *Devi Mahatmya* 1.47&49.

Mestre: (*com evidente desagrado*) “E você é um homem de conhecimento!”

Foi um choque rude para um homem erudito do modo ocidental ter sido abruptamente desafiado desta maneira. Seus pensamentos sobre ter sido tratado desta maneira são importantes para nosso entendimento mais profundo. Ele diz: “M’³ não tinha ainda aprendido a distinção entre conhecimento e ignorância. Até este momento sua concepção tinha sido de que se obtém conhecimento de livros e escolas. Mais tarde ele abandonou esta falsa concepção.’

Dois Tipos de Conhecimento

O conhecimento pode ser subdividido em dois tipos. Um conhecimento que é perceptível pelos sentidos e o conhecimento intuitivo, que não é deste mundo e não pode ser percebido pelos sentidos. O *Mundaka Upanisad* faz esta divisão essencial: ‘Dois tipos de conhecimento podem ser adquiridos – o superior e o inferior. O conhecimento inferior inclui os quatro Vedās, Rig, Yajus, Sāma e Atharva e os Vedāngas, como a ciência da pronúncia, o código de rituais, gramática, etimologia, métrica e astrologia. E existe o conhecimento superior pelo qual o Imutável é realizado.’⁴ Esta é uma corajosa declaração do *Sruti*. Disse que mesmo o conhecimento dos Vedas, que são considerados como a Força Vital do Senhor, é dada uma posição inferior comparado com aquele conhecimento pelo qual se alcança a união com o Senhor, o que dizer do conhecimento das outras ciências então? O conhecimento adquirido pelos sentidos pode no máximo dar-nos gozos mundanos.

Neste ponto uma objeção pode ser levantada: ‘Como pode o conhecimento de (Brahman) que está fora dos Vedas ser superior e como pode conduzir-nos a emancipação, já que tradicionalmente é aceito que os *Smrtis*, que são menos importantes que os Vedas, são inúteis como caminhos para a liberação? Se tal entendimento, isto é, que o conhecimento superior está fora dos Vedas for aceito, então os Upanisads terão que ser considerados como fora dos Vedas, cujo argumento é definitivamente ilógico’. Śankara refutando esta objeção diz, ‘Não é assim, já que conhecimento significa a realização da coisa a ser conhecida. O significado principal a ser entendido por ‘conhecimento superior’, é o conhecimento do Imutável, que Upanisads realmente significam. Não é a mera coleção de palavras que constitui o Upanisad. Os livros são chamados de Upanisads em um sentido secundário, devido ao conhecimento neles contido. Sem renúncia e outros pré-requisitos,

3 ‘M’ tratava a si mesmo na 3ª pessoa, no Evangelho de Sri Ramakrishna (nota do tradutor).

4 *Mundaka Up.* 1.1.4-5.

pelo mero conhecimento das palavras dos Vedas, o ‘conhecimento superior’ não poderá ser alcançado.’⁵

Mais adiante, no *Vivekachudamani*, ele explicita e definitivamente diz: ‘Grande eloquência, fluência na fala, habilidade na exposição dos Śāstras, contribuem para a sabedoria dos eruditos e ao gozo dos sentidos, mas nunca conduz à emancipação’.⁶ Sri Ramakrishna, mesmo como um menino, com seu agudo intelecto, avaliou o valor deste conhecimento inferior. Ele notou qual era a finalidade em vista dos pundits [eruditos] em seus debates por horas a fio. Ele notou que tudo era pelas insignificantes e pequenas coisas do mundo e afirmou que este tipo de educação era para ‘ganhar o pão’. Desgostado, ele a descartou e se afastou desse tipo de educação para sempre. Anos mais tarde ensinava a todos que entravam em contato com ele, o que tinha aprendido e praticado em toda sua vida: que conhecer a Deus é conhecimento e o único conhecimento digno de ser obtido. ‘Só Deus é real, o resto é irreal. Só isso é conhecimento, todo outro conhecimento não tem valor’, disse ele. Sobre a mera erudição, ele costumava dizer: ‘Os abutres voam muito alto no céu, mas seu olhar está fixo apenas na carniça abaixo, da mesma forma os [mero] eruditos podem ir muito alto em suas realizações intelectuais, mas seus corações estão sempre atraídos pelos gozos mundanos.’ Que enorme diferença existe entre a aquisição de conhecimento intelectual e atingir a experiência imediata da Suprema Realidade. A primeira pode ser comparada a um homem que aprende a nadar lendo livros sobre natação, sem nunca ter entrada na água. Sri Ramakrishna afirmava: “Você não conseguirá nenhuma gota de água torcendo as páginas do almanaque que prevê as várias chuvas torrenciais.’ Esta experiência imediata, a Vedanta chama de *aparaksānubhūti* ou *Brahma-sāksātkāra*.

A Natureza do ‘Conhecimento Superior’

Já foi descrito que ‘conhecimento superior’ conduz à visão de Deus, o alcance do Imutável, a Realidade Última. Foi habilmente descrita como da natureza da luz, visto que é a única coisa que é capaz de indicar o Ātman [Ser Divino] escondido nos recessos mais íntimos de nosso coração. Só ele remove a escuridão da ignorância que tem se acumulado em nossas mentes por muitas eras. Através dele, chega-se a conhecer a relação entre o *jīva*⁷ e Paramātmā [Ser Supremo]. Pela sua ação, se é capaz de comungar com Ele. Mais ainda, ele confere o próprio Estado de Brahman⁸ ao homem.

5 Sankara Bhashya do verso acima.

6 *Vivekachudamani*, 58.

7 Ser humano individual. (nota do tradutor)

8 Brahman, Paramātmā, Ātman, podem ser considerados pelos aspirantes espirituais como idênticos. (nota do tradutor)

‘Verdadeiramente, aquele que conhecer o Supremo Brahman torna-se Brahman,’⁹ diz o *Mundaka Upanisad*. Quando aquele estado de conhecimento é alcançado as diferenças entre o conhecedor, o conhecimento e aquilo que é conhecido são aniquiladas e o Um resplandescente brilha em sua verdadeira glória. ‘Lá, nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, nem mesmo o raio brilha, o que então dizer deste fogo mortal! Tudo isso brilha devido ao Seu brilho. Pelo esplendor de Seu brilho tudo isto é percebido,’¹⁰ declara o *Sruti*.

Conhecendo o Um – Deus, Brahman ou por qualquer nome que nós possamos chamá-Lo – tudo mais que existe para se conhecer, torna-se conhecido, pois na realidade não existe nada além de Brahman. A variedade e o panorama que vemos, são apenas nomes e formas dessa Única substância, como os ornamentos de ouro chamados de nomes diferentes, não têm uma existência separada daquela do ouro. Brahman é a única realidade. O mundo parece real devido ao substrato, Brahman. É da natureza da bem-aventurança. Alcançando-O todos os outros ganhos parecem insípidos. Dúvidas incomuns podem surgir nesse momento. Pode-se perguntar, ‘Se obtendo este ‘conhecimento superior’, perde-se a individualidade, qual é a utilidade desse conhecimento? Queremos o conhecimento para aliviar nosso sofrimento e elevar nossas esperanças de viver uma vida confortável. Se, portanto, por esse conhecimento perdemos nossa própria individualidade, como podemos desfrutar?’ É verdade, não podemos, mas nos esquecemos de que todos os nossos sofrimentos, problemas e aflições, são devidos a esse apego à individualidade. Se quisermos transcender o sofrimento, temos que renunciar a esta separação, perdendo-a no oceano de *Satchidananda*¹¹. Não existe outro modo. Śankara descreve a condição da pessoa que tenta alcançar a Deus, enquanto ainda ligado as suas necessidades corpóreas, como daquele que tenta cruzar um rio com a ajuda de um crocodilo, confundindo-o por um tronco de madeira.

Quer você seja um bhakta ou um jñāni importa pouco, pois se não afundarmos nosso bote do ego, não seremos capazes de mergulhar no oceano da Suprema Bem-aventurança. A parábola de Sri Ramakrishna da vaca cujos sofrimentos não tiveram fim mesmo após sua morte, até que suas entranhas comessem a cantar a nota, ‘Tuhu, Tuhu, Tu, Tu, ó Senhor, não eu’, no arco do homem cardando o fio, é muito apropriada para o caso de um devoto. Devoção significa, contínuo pensamento no Senhor, de Quem mesmo um pequeno esquecimento, traz dor. Onde então existe oportunidade para o jogo do ego em um tal coração?

O jñāni medita: ‘Eu não sou o corpo, nem os sentidos, nem mesmo a mente, nem a inteligência, Eu sou a Eterna Bem-aventurança e consciência, Eu

9 *Mundaka Up.* 3.2.8.

10 *Ibid.*, 2.2.11. Também, *Svetasvatara* 6.14, e *Katha* 5.15.

11 Existência – Consciência – Bem-aventurança Absoluta.

sou Brahman'. Seu pequeno ego é destruído e mergulha em Brahman como a água dentro de uma jarra mergulhada em um reservatório mescla-se com a vasta quantidade de água, quando a jarra também é quebrada, ou como *ākāśa* contido em um pote torna-se um com o *Mahākāśa*. Os elementos mergulham em suas origens. É como voltar para casa. E por que deveríamos ter medo de voltarmos para nossa própria casa? É como o filho retornar para sua mãe. Por acaso dá medo voltar para os braços de nossa mãe? Em uma ocasião Sri Ramakrishna perguntou a Narendranath (Swami Vivekananda): Olhe, meu filho, suponha que exista um copo de néctar e você seja uma mosca. Como você o provaria? Narendranath respondeu: 'Eu me sentaria na borda do copo e beberia dele. Pois se eu fosse mais além me afogaria e morreria.' Não, meu menino, você não morrerá. É o oceano de néctar, da imortalidade. Torna-se imortal mergulhando nele. Mergulhe e beba profundamente dele.'

Swami Vivekananda realizou isso, experimentou tal estado e então afastou o medo daqueles que tinham dúvidas idênticas com analogias caseiras assim: 'Uma vez uma gota de chuva caiu no oceano e começou a chorar. O oceano perguntou à gota de chuva o que a atormentava. Ela disse, 'estou perdendo minha identidade'. O oceano riu e disse, "Não, minha querida, você está se tornando uma só com seus irmãos e irmãs aqui. Mas se, contudo, achar sua vida ruim, eleve-se através dos raios do sol e viaje como queira, mas terá que enfrentar altas montanhas e outras dificuldades.'" Portanto se quisermos também a paz eterna, temos que perder nossa identidade, nosso ego. Apenas aqueles que querem se apegar a ambos, mundo e Deus, têm medo de perder suas individualidades e não um verdadeiro amante de Deus.

O que é Ignorância?

Em uma era de racionalidade o homem quer conhecer, por que e para que antes de tudo, antes de fazer algo. Não podemos deixar de lado esta tendência desta era. O propósito do conhecimento por isso deve ser declarado. Em algumas palavras pode ser dito que seu propósito é dissipar a ignorância que tem estado nos envolvendo. O que é esta ignorância? Brevemente declaramos, no início, o que a ignorância não é. Agora veremos o que é a ignorância. Ignorância é descrita como *māya* ou *avidyā*, na Filosofia Indiana. É o desconhecimento da essência de nossa natureza, que é *Satchidananda*, que é chamada de ignorância. O homem pensa de si mesmo como sendo o corpo, os sentidos ou no máximo um ser intelectual, mas nunca lembra-se de sua verdadeira natureza. Isto é ignorância. Devido a esta identificação, ele é impelido pelos desejos do corpo, sentidos e mente, a agir para sua satisfação. Como um boi preso a um moinho de trigo – esticando seu pescoço para alcançar um punhado de palha que balança diante dele, mas nunca alcançando-o – o homem trabalha no 'moinho' deste mundo buscando

alcançar aqueles sempre fugidios objetos decorativos deste mundo, aqueles pequenos confortos.

O homem está familiarizado com as palavras 'eu' e 'meu'. Quantas vezes usamos estas palavras em um dia? Mas estamos realmente conscientes do que realmente significam neste momento? Dizemos: esta riqueza, esta propriedade, estas pessoas, são minhas. Eu desfrutarei desta riqueza. Eu acumularei mais riqueza. Eu sou branco. Eu sou negro. Eu sou erudito. Eu sou ignorante. Eu sou feliz. Eu sou sofredor. Todo tempo nossa identificação está com corpo, sentidos e mente. Isso, Sri Ramakrishna diz, é ignorância.

Novamente ele disse, 'luxúria e cobiça' constituem a ignorância, e o mundo inteiro sabe a verdade disso! Aceitar o mundo e as coisas mundanas como elas parecem, como sendo reais e correr atrás delas é ignorância.

De onde surge essa Ignorância e qual a sua Natureza?

Se nossa natureza real é conhecimento, de onde surge essa ignorância? Pois, se o conhecimento é da natureza da luz, não deveria ser escondido pela nuvem. Não é assim, pois não vemos que mesmo o poderoso sol ser coberto por uma pequena nuvem? Como é insignificante uma nuvem e como é enorme o sol. Ainda assim, a nuvem não impede o sol de ser visto, de brilhar, pelo menos localmente? A ignorância, similarmente suspende o conhecimento, cobrindo-o, por assim dizer. A ignorância brota, como nossos sábios dizem, de nossos desejos e apego. E todos esses desejos são devidos as nossas ações passadas (karma) e estas por sua vez são o efeito de nossas ações em encarnações prévias e etc. Mas de onde o primeiro desejo surgiu? Fazer esta pergunta é o mesmo que perguntar o que veio primeiro, a semente ou a árvore, o ovo ou o pássaro? Os filósofos Indianos dizem que estes desejos não têm início, assim também esta ignorância. Sua natureza é a da escuridão, de cobrir e projetar. Na escuridão não podemos ver todas as coisas e muitas coisas que vemos, não são vistas como são em realidade. Por exemplo, podemos ver uma corda e confundi-la por uma cobra. A forma de uma árvore no escuro pode parecer como um fantasma para alguém, como um policial para um ladrão, ou para alguém apaixonado, parecer seu bem-amado. É como a miragem no deserto, criando fantásticas imagens de lagos e paisagens, mas sem uma realidade nelas. A ignorância é tão poderosa que a maioria de nós, a despeito de nosso orgulho de conhecimento, científico e das escrituras, vivemos nela. Muito poucos, talvez um em um milhão, pode escapar de suas garras. E são esses que nos mostram que a ignorância pode ter fim, pode ser vencida pelo conhecimento. Traga uma luz e a escuridão de milhares de anos, desaparece imediatamente.

Realizando nossa própria natureza como conhecimento, a ignorância formada de imagens ilusórias deste mundo, desaparece. E como um homem

assim vive neste mundo? Vamos citar Swami Vivekananda: ‘Uma vez, na Índia Ocidental, eu estava viajando por um deserto. Dias e dias eu andava pelo deserto, mas fiquei surpreso ao ver belos lagos, com árvores e ao redor deles mais árvores com sombras vibrantes. Eu disse para mim mesmo, “Parece maravilhoso e eles ainda dizem que este é um lugar desértico!” Quase um mês eu viajei, vendo esses lagos, árvores e plantas maravilhosas. Um dia eu estava com muita sede e queria beber água e comecei a ir em direção a estes lagos e árvores e quando eu me aproximei, eles sumiram. E veio como um raio a minha mente, “Deve ser a miragem sobre a qual eu tinha lido toda minha vida,” e com isso veio a ideia de que durante todo esse mês, todos os dias, estava vendo miragens e não sabia disso. Na manhã seguinte, reiniciei minha viagem. Havia novamente o lago, mas com ele veio também a ideia de que era uma miragem e não um lago real. Assim também é com esse universo. Todos estamos viajando nesta miragem do mundo, dia após dia, mês após mês, ano após ano, sem saber que é uma miragem. Um dia ele acabará, mas voltará de novo; o corpo deve permanecer sob o poder do Karma passado, e portanto a miragem retornará. Este mundo retornará para nós enquanto estivermos presos pelo Karma: homens, mulheres, animais, plantas, nossos apegos e deveres, tudo voltará para nós, mas não com o mesmo poder. Sob a influência do novo conhecimento, a força do karma será quebrada, seu veneno se perderá. Será transformada, pois junto com isso vem a ideia que conhecemos agora, e que a aguda distinção entre a realidade e a miragem foi conhecida.’¹² Essa é a natureza da ignorância e esse é o seu fim.

• • • • •

12 Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. II, pages 281-2.